

O

festival de cinema Leffest, que este ano comemora a 16ª edição, procurou desde sempre sublinhar as relações do cinema com outras artes, e há um filme desta colheita de 2022 especialmente elucidativo sobre o assunto. Numa das primeiras cenas de “Poet” (íntegra a Competição Internacional), novo trabalho de Darezhan Omirbayev, um grupo de homens de letras discute que futuro terá a língua cazaque, e é o próprio Omirbayev que, em papel episódico, deixa a sentença: “Parece que a Humanidade caminha para uma língua e uma cultura únicas.” De facto, concluem aqueles poetas, a globalização trouxe efeitos nefastos ao modo como comunicamos.

Das “6700 línguas” que ainda se estima existem no planeta, “desaparece uma a cada duas semanas”. Omirbayev, figura de proa do cinema cazaque desde os memoráveis “Kairat” e “Kardiogramma” dos anos 90, não se revela nada otimista face ao futuro da língua do seu país. E depois leva-nos para uma história com saltos incessantes entre o presente e o passado que, afinal, não faz mais do que traçar a resistência de um povo — figurada naquele poeta nómada de meados do século XIX, Makhambet, que negou submeter-se à vontade do poder alheio e pagou com a vida. É o Cazaquistão enquanto solo colonizado, ontem, hoje e desde os tempos imemoriais, dos impérios que caíram (o soviético) aos que reinam hoje e trazem novas formas de destruição (o capitalismo e a internet).

“Poet” não é apenas um dos melhores filmes que o Leffest mostrará este ano, podia também servir de estandarte a uma edição que quis deixar o seu cunho político bem vincado — e a prova disso está no convite que foi endereçado a Angela Davis. A histórica ativista norte-americana dos direitos humanos e das mulheres, professora universitária, de filosofia, desde os anos 70 e outrora associada ao movimento Black Panther e ao Partido Comunista dos EUA, acedeu finalmente ao convite que há anos o Leffest lhe vinha fazendo e aceitou

pisar solo luso este ano, para debater, entre outros, um dos seus assuntos de eleição: o racismo congénito no sistema prisional americano. A forte bagagem teórica de Davis levá-la-á contudo a abordar muitos mais temas do presente, como o Abolicionismo ou a Faixa de Gaza — “Uma Prisão a Céu Aberto?”, interroga, a propósito, o festival. Dois documentários sobre Davis, um deles em estreia absoluta, integram igualmente o programa: “Angela Davis: Portrait of a Revolutionary” (mostrado em 2020 pelo IndieLisboa) e o inédito “Free Angela Davis and all Political Prisoners”. Não menos importante do que a visita desta ‘revolucionária de reputação mundial’ (Davis tem uma extraordinária história de vida — chegou a enfrentar uma condenação

à pena de morte antes de conseguir provar a sua inocência numa série de peripécias ‘thrillescas’) são todos os filmes do criterioso ciclo “Romper as Grades: a Cultura como Espaço de Liberdade e a Resistência nas Prisões”.


Aqui passarão (e todos foram escolhidos a dedo) “Fugiu Um Condenado à Morte” (Bresson), “Le Trou” (Becker), “Carandiru” (Babenco), “Nova Iorque, 1997” (Carpenter) ou “Os Fugitivos de Alcatraz” (Siegel), entre outros: o ciclo é um verdadeiro luxo. Mas o programa que terá certamente convencido Davis a visitar o nosso país é aquele que é dedicado ao movimento L.A. Rebellion, essencial para cimentar nos anos 70 e 80 o direito à existência de um cinema negro americano, à margem de Hollywood. O Leffest

fez um apanhado muito conseguido dos pilares essenciais deste edifício, exhibirá obras de Charles Burnett, Billy Woodberry, Ben Caldwell, Julie Dash... E todos eles garantirão presença em Lisboa e em Sintra nos próximos dias, apresentando estas sessões e tornando este num momento absolutamente histórico de programação de cinema no nosso país.

JIM CARREY E A POLÍTICA DO RISO

A retrospectiva “Jim Carrey: Será Que Ele Existe?” é outro coelho que o Leffest tirou este ano da cartola, um daqueles ciclos que toda a gente já sonhou um dia fazer mas a que ninguém se atreveu. Carrey, genial comediante, não tem, como é sabido, os mesmos parafusos do comum dos





“Nação Valente”, nova longa-metragem de Carlos Conceição que competiu em agosto em Locarno, integra a Competição Internacional do Leffest

A visita de Angela Davis a Portugal torna a edição do Leffest um acontecimento político de grande relevo. Mas também há a política do corpo, por David Cronenberg. E a política do riso, na retrospectiva de Jim Carrey. O festival decorre até dia 20

TEXTO FRANCISCO FERREIRA

mortais e seria inútil aguardar a sua presença. Mas este ciclo vem de um embalo e do *best-seller* “Memoirs and Misinformation”, que Dana Vachon escreveu sobre (e a quatro mãos com) Jim Carrey. Pois bem, o festival convidou Vachon para o júri (ao lado dos cineastas Olivier Assayas, Julie Dash, Lorenzo Vigas e da atriz portuguesa Joana Ribeiro) e prepara-se assim para visitar os 40 anos de carreira do *enfant terrible* canadiano, devidamente acompanhado por quem conhece Carry como poucos.

Serão exibidas 12 obras, não faltam “A Máscara”, “Doidos à Solta” e os incontornáveis “The Truman Show” e “Homem na Lua”. Já o ciclo “Sou Culpado?” questiona a culpa como sentimento dramático no cinema, permitimo-nos destacar

“Notre Nazi”, filme muito pouco exibido de Robert Kramer em torno da rodagem de “Wundkanal”, de Thomas Harlan. E quem nunca teve a oportunidade de ver “Wanda”, de Barbara Loden, no grande ecrã pode aqui reparar essa tremenda falha. Outra retrospectiva da maior importância é a que se dedica à obra integral de Sérgio Tréfaut, cineasta “provocador, numa linguagem que raramente é indiferente em termos

LEFFEST — LISBON & SINTRA FILM FESTIVAL

Cinema Medeia Nimas e Teatro Tivoli BBVA, Lisboa, Centro Cultural Olga Cadaval, Sintra, até dia 20 leffest.com

políticos (...) e que assume opiniões, emite críticas, dá palco a vozes esquecidas e silenciadas”, assim escreve o Leffest. É um ciclo oportuno, em antecipação da estreia nacional do filme mais recente de Tréfaut, “A Noiva”, exibido pela primeira vez em setembro, na última edição do Festival de Veneza. Por ocasião desta primeira retrospectiva do cineasta, a mais completa até à data, o festival publica uma brochura com um texto de introdução à obra da autoria de Maria Mendes, bem como uma conversa em torno dos filmes. Por falar em cinema português, e isto para voltar à Competição Internacional, sublinhe-se a estreia portuguesa de “Nação Valente”, nova e excelente longa-metragem de Carlos Conceição, que competiu em agosto em Locarno. O fio de uma

medalha, curiosamente de Nossa Senhora da Conceição, passa de mão em mão como um amuleto amaldiçoado a partir daquela Angola do fim da Guerra Colonial em que a história decorre. É um filme de traumas políticos, históricos, sociais, em que o tempo desempenha um papel fundamental, igualmente traumático. Também muito forte é “El Agua”, história de crenças e de mulheres de uma remota aldeia do sudeste espanhol, interpretada por atores amadores daquela região da Costa Blanca.

Estreado na Quinzena de Cannes, é o filme espanhol do ano (quanto a nós muito superior a “Alcarràs” e “Libertad”, há pouco exibidos em sala) e uma ótima estreia na longa-metragem de Elena López Riera, em tudo coerente com o trabalho que esta talentosa cineasta de Alicante já havia mostrado nas suas curtas. A Competição leva-nos também para o novo Irão em tumulto crescente, país que dá a sensação de estar a implodir nos dias que correm. Este aspeto é muito claro a nível económico no novo filme de Saeed Roustayi, “Leila’s Brothers” (vem de Cannes e continua interdito no Irão), o seu melhor até à data. “Beyond the Wall”, de Vahid Jalilvand (estreado em Veneza), aborda com um prisma mais intimista o mesmo mal-estar social, espaço enclausurado até ao sufoco. Fora de concurso passa outro iraniano, “World War III”, de Houman Seyed. Nenhum destes cineastas persas poderá visitar Portugal.

São contudo esperados entre nós grandes nomes do cinema mundial, como os já repetentes David Cronenberg (“Crimes do Futuro”), Jerzy Skolimowski (“EO”) e Alexander Sokurov. Este último apresentará, em competição, o singularíssimo “Fairytale”, meditação sobre a vã glória do poder que faz uso muito hábil de imagens de alguns dos maiores ditadores do século X — essas sombras do passado que continuam a assombrar o presente. Também a concurso há duas produções italianas, “Nostalgia”, de Mario Martone, e “Padre Pio”, de Abel Ferrara. “Toda a Beleza e Carnificina”, documentário de Laura Poitras premiado com o Leão de Ouro, passa na secção não competitiva, e o Leffest aguarda pela confirmação da presença de Nan Goldin, esperando igualmente que James Gray possa apresentar *in loco* o seu novo “Armageddon Time”. ●